



O Gaiocho



PORTE
PAGO

Quinzenário * 30 de Junho de 1979 * Ano XXXVI — N.º 921 — Preço 2\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

ÁFRICA

Um bilhete de avião, enviado pelo Manuel Dias, obriga-me a estadia repousante bem longe do poiso onde habitualmente vivo. Com efeito, um «jumbo» pega em mim, ronca a noite toda e coloca-me inteirinho na África do Sul. Na aerogare de Johannesburg, três rapazes nossos, com suas esposas e filhos, estendem os braços para matar saudades. Ao longo de semanas, deliciam-me com amabilidades. E de tal modo se sentem contentes e felizes que não guardam para si a alegria. Querem que outros nela participem. Vão aos jornais e dizem da presença dum padre da Rua. O telefone soa todos os dias. Outros rapazes perguntam se é verdade e aparecem. Amigos da Obra, também. Os convites sucedem-se para jantar em suas casas, para observar atentamente seu trabalho e modo de vida, na terra onde ganham abundantemente o pão. Párocos mandam subir ao altar e dizer quem somos e com quem continuamos a ter necessidade de viver. Catequistas desejam que falemos às suas crianças, das crianças da rua. O Clube dos Poveiros pára duas vezes o seu conjunto artístico para ouvir falar dos rapazes da rua. A Rádio local pede entrevista. Jornalista do Southern Cross — semanário católico — aparece a inteirar-se da Obra para uma local no dito.

Tenho que marcar apressadamente a data de regresso, que deste modo não consigo repousar.

No entanto, é consoladora e repousante esta fadiga. Consolador, sobretudo, verificar a actualidade da Obra e o interesse que continua a despertar em todos os lados.

O labor em prol dos mais canecidos é sempre algo que tende a despertar a atenção dos homens de boa vontade. O Emigrante que hoje duramente trabalha, após ter sofrido a penúria que o obrigou a partir, para dela se libertar, compreende e estima sinceramente quem se empenha dia a dia no atenuar a sorte daqueles que não podem por si próprios libertar-se também da miséria e do infortúnio.

Dou o meu recado em muitos locais e de muitos modos. Sou bem acolhido, mesmo quando suplico aos Emigrantes que nunca esqueçam seus parentes, que na Pátria lon-

Continua na QUARTA página

AQUI LISBOA!

«Deixai vir a Mim as criancinhas e não as afasteis, pois a elas pertence o Reino de Deus» (Mc, X, 14).

A Declaração Universal dos Direitos da Criança, embora proclamada por um organismo neutro sob o ponto de vista religioso, vem demonstrar-nos como a Boa Nova actua à maneira de fermento. De resto, o Ano Internacional da Criança deve a sua existência à iniciativa do B. I. C. E. (Bureau Internacional Católico para a Infância), com sede em Genebra, através do seu secretário-geral, o padre belga Joseph Moermen.

Numa visão cristã da vida, porém, importa ter em conta o fim pessoal e último de cada homem, criado à imagem e semelhança de Deus e destinado, portanto, pelo Criador, à glória. Daí que não baste falar-se em «oportunidades de se desenvolver no plano... espiritual» nem na rejeição de «discriminações baseadas na... religião» ou que, a criança seja «educada no espírito de tolerância». As crianças cristãs é preciso reconhecer o direito a uma clara e concreta educação religiosa, conforme se infere, aliás, do Decreto sobre a Educação, n.º 2, do Concílio Vaticano II.

É indispensável, pois, que os pais e educadores cristãos saibam assumir as suas responsabilidades, transmitindo a Boa-Nova aos seus filhos e educandos, como é imperativo pe-

lo mandato do Senhor «ide e ensinai...».

Não se pergunta à criança se quer nascer, se pretende ir à escola, se deve ser tratada na doença ou gozar boa saúde, se deseja aprender boas maneiras, ou alimentar-se convenientemente. Infelizmente, há pais e educadores ditos cristãos (?), que, afirmando falsos ou aparentes pruridos de consciência, entendem adiar a educação religiosa das crianças para a idade da razão plena. Existe, infelizmente, quem procure substituir uma catequese séria e adequada por outras ocupações, como jogos e divertimentos diversos, desde o desporto à música e a outras artes ou actividades lúdicas. Se ao menos olhassem para o lado e vissem o que outros pensam e fazem... Depois, depois, são as consequências que todos conhecemos.

João Paulo II, na Sua re-

cente e histórica viagem à Polónia, abordou claramente e de maneira concreta o assunto, falando da educação cristã e da necessidade de não se levantarem obstáculos à educação religiosa das crianças. Que os responsáveis saibam ouvir a Voz do sucessor de Pedro e, sem hesitações ou coarctações, assumir o que lhes compete, desde um ensino catequético conveniente, em casa ou nos centros paroquiais ou outros, até ao urgir de condições para a existência de escolas capazes, que possam ser livremente escolhidas, em igualdade de circunstâncias daquelas que lhes pretendem impedir, no desrespeito dos valores cristãos mais sagrados.

■ As Festas acabaram. O cronista do Tojal dá conta do facto neste número de O GAIOCHO.

Cont. na 3.ª pág.

Reflectindo

Celebrámos, há poucos dias, a festa do Corpo de Deus. Cristo ao assumir a nossa humanidade quis que O sentíssemos perto de nós. Não veio apenas para os homens do Seu tempo, mas para os homens de todos os tempos. A nossa fé deveria ser forte de forma a sentirmos a força da Sua presença.

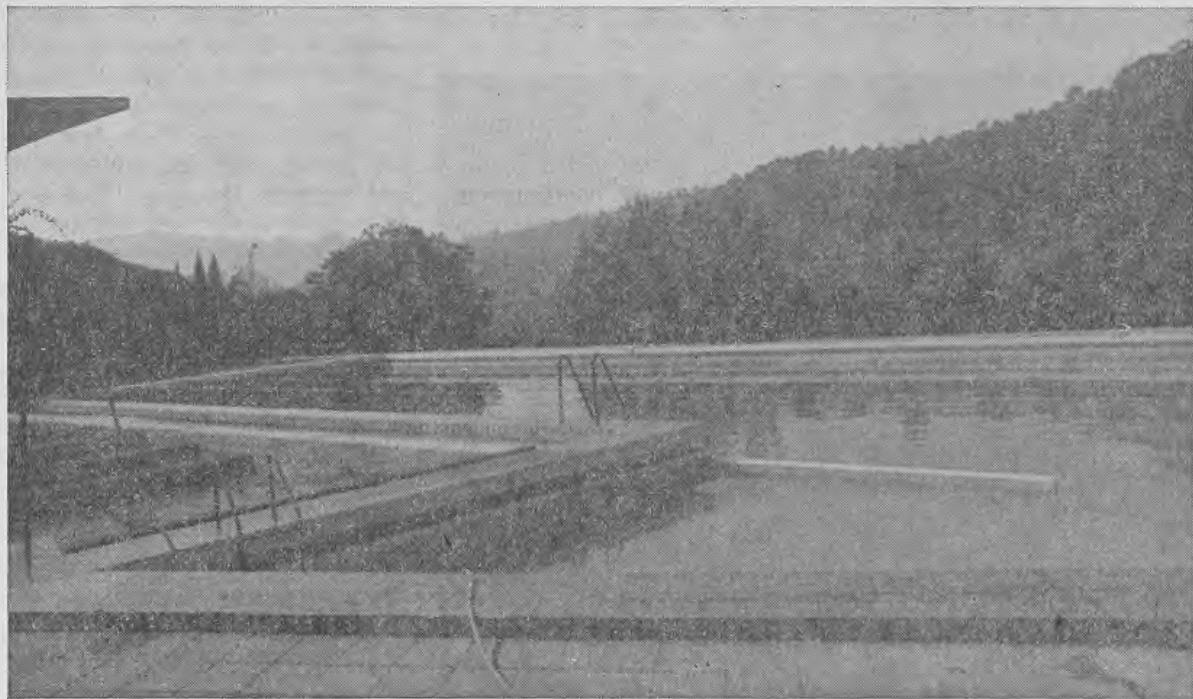
Cristo perpetuou a Sua presença de várias formas para que pudéssemos continuamente ser convidados a pertencer ao Seu Reino. Na Eucaristia Ele se oferece a cada um de nós para que vivamos em profunda comunhão com Ele e com Ele percorramos os passos desta vida. Ao celebrarmos o Seu Corpo devemos festejar a Sua aproximação de nós.

Ao pensarmos o Corpo de Deus imediatamente devemos lembrar as Suas palavras: «Aquilo que fizerdes ao mais pequeno de entre vós é a Mim que o fareis». O Corpo de Deus também se perpetua no corpo dos nossos Irmãos em necessidade. Qualquer um de nós O pode encontrar nos nossos

Irmãos que sofrem no seu corpo a fome, a doença, os maus tratos. Sem termos necessidade de ir, aos locais onde se desenrolam as guerras famosas do nosso tempo; sem termos necessidade de ir aos países onde a fome impera com mais força; mesmo sem visitarmos as nações cujos governos fazem correr mais tinta nos jornais pela sua violência; sem sairmos da nossa Terra, facilmente encontramos Cristo sofrendo no corpo dos nossos Irmãos. Que bom seria se Ele vivesse mais na Paz daqueles que se reúnem em Seu nome para que O encontrássemos menos sofrendo naqueles que são vítimas do desamor que está instalado na humanidade, surda aos apelos do seu Deus.

Choremos os nossos pecados, e a parcela de culpa que a cada um de nós cabe na pobreza com que é vivida a Mensagem de Deus, que assumiu a nossa humanidade para nos libertar da nossa mesquinhez.

Padre Abel



Rodeada de panorama surpreendente, a piscina de Paço de Sousa — em dias de canícula — é a alegria da Comunidade.

PELAS CASAS DO GAIATO

Tojal

VISITAS ESCOLARES — No decorrer deste ano lectivo fomos visitados por várias Escolas de diversos níveis de ensino. Como: Colégio do Ramalhão, Colégio do Sagrado Coração de Maria, Colégio de S. João de Brito e várias turmas de Educadoras de Infância, de Escolas de Enfermagem, etc.

Por último, fomos visitados por um grupo de alunos do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, que no decorrer da sua visita disputaram um pequeno jogo de futebol com os nossos Rapazes. Da equipa visitante, à qual davam o nome de «Aston Villa Maria Amália Vaz de Carvalho», faziam parte: Carlos, João Manuel, Paulo Duarte Nuno, João Carlos, João Pedro, Pedro, Antelo e Crespo (e não tendo elementos suficientes, três dos nossos completaram a equipa visitante, que foram José Victor, João Viana e Caxias).

Os nossos, no final do jogo, saíram vencedores com o resultado de 10 - 2. Agradecemos as vossas visitas. E venham sempre que queiram, as portas estão sempre abertas.

PERIQUITOS — Tendo esta espécie de aves um alto poder de reprodução, e como não utilizam qualquer tipo de «planeamento familiar», temos visto aumentar de dia para dia o seu número, e agora vemo-nos na necessidade de vender alguns casais. Porque a passadeira em que se encontram começa a ser pequena para tantos, e como a sua alimentação nos começa a ficar demasiado cara, a venda de alguns bicos virá ajudar na compra de mais alpista para aqueles que ficam.

Podemos dizer, e segundo pessoa conhecedora desta matéria, que a raça dos mesmos é de boa qualidade.

Caros Amigos, se algum de vós comprou uma gaiola e pensa adquirir um casal de periquitos de boa raça, passe cá por nossa Casa.

Agora, aproveitamos para agradecer, mais uma vez, a vossa sempre boa amizade e pontualidade na resposta aos nossos pedidos. Há algum tempo, nestas colunas, fiz um pedido referente a diversas aves. Já chegaram alguns casais de rolas e codornizes.

O nosso obrigado.

PEDIDO — Caros Amigos, nos tempos que correm, nem sempre se faz uma escolha adequada das revistas que se lêem.

Nesta «sociedade de consumo» é difícil encontrar revistas que se debruçam sobre os problemas dos Jovens, cuja leitura seja sadia.

E se ainda há algumas que merecem a nossa preferência, é sem dúvida a «Família Cristã».

Nós temos cá Rapazes, assinantes desta revista, interessados em completarem, com alguns números, suas colecções de anos atrasados, a fim de as poderem encadernar.

Pedimos aos nossos estimados Amigos, que porventura tenham alguns

números desta revista, dos anos compreendidos entre 1970 e 1977, e que não estejam interessados em coleccionar, os mandem para a Casa do Gaiato do Tojal — 2760 Loures.

AGRADECIMENTO — Não podemos deixar de agradecer, mais uma vez, a vossa boa vontade na resposta aos nossos pedidos.

Numa crónica do Tojal pedíamos redes e raquetes para o ténis de mesa. Sem demora elas cá chegaram. Agora, devido às Festas, temos as actividades desportivas paradas, mas dentro em breve arrancarão a toda a velocidade. Agora já não há razão para que não andem, visto haver todo o material indispensável.

O muito obrigado de toda a Comunidade e dos adeptos da modalidade em particular.

FESTAS — Depois do êxito no Monumental, teve lugar a Festa em Loures, onde tudo decorreu admiravelmente. Seguiu-se a nossa presença em Santo António dos Cavaleiros, Famões, Prisão do Linho e Queluz. Por toda a parte houve o melhor acolhimento, com as maiores manifestações de carinho e de simpatia. Bem hajam.

António José

Paço de Sousa

COMUNHÃO SOLENE — Alguns dos nossos Rapazes fizeram sua Procissão de Fé na festa do Corpo de Deus.

Fizemos uma pequena Procissão pela nossa quinta, com o Santíssimo, pelos caminhos que percorremos todos os dias quando vamos para o trabalho, para o divertimento ou para o descanso. Os Rapazes estavam felizes por terem dado mais um passo em frente na sua vida cristã.

Desejamos que o compromisso feito por este grupo de Rapazes seja fielmente cumprido ao longo da vida.

EXCURSÕES — Tem sido um mar de gente que se tem deliciado com a nossa quinta!

As perguntas aos nossos pequenitos ciclerones sucedem-se e quando eles

ficam enrascados em algumas delas, os nossos Amigos procuram a satisfação da resposta junto dos mais crescidos.

Os merendeiros são comidos sôfregamente nas sombras da nossa quinta onde existem fontes de água fresca e límpida que sacia os sequiosos.

Entretanto o nosso campo de futebol é o centro dos jogos e da brincadeira.

Vendo a nossa Aldeia cheia, sabemos que temos Amigos que gostam de estar connosco, mesmo em dias úteis, apesar de nós estarmos em nosso trabalho e não ser tão fácil conversar com eles, por mor das nossas obrigações.

Bem hajam pela vossa visita.

FESTAS — As nossas Festas já terminaram. Os Rapazes acusavam cansaço e esperam umas merecidas férias. Lá para Outubro recomeçaremos com a mesma revista. Iremos a algumas terras mais pequenas, enquanto se começa a alinhar a Festa para o ano seguinte. Esperamos encontrar os mesmos aplausos, o mesmo calor e alegria que encontramos, este ano, nas principais salas do Norte. Obrigado a todos!

OBRAS — Todos os anos, antes das praias começarem, é necessária uma revisão à casa de Azurara que, como fica todo o Inverno fechada, começa a ganhar humidade e tem de ser limpa. Os nossos trolhas por lá andam e parece-me que os turnos de praia começarão muito em breve.

Quanto à tipografia, as obras continuam com algumas remodelações de que falaremos mais tarde.

VIDA MILITAR — Alguns dos nossos mais velhos já foram fazer a inspecção militar. Dois deles ficaram inaptos, por doença.

Os mancebos por cá vão andando à espera de chamada.

O Maciel e o Humberto devem estar mesmo a ingressar, uma vez que escolheram ser páraquedistas.

Oxalá tudo corra bem para todos os mancebos.

FESTIVAL DESPORTIVO — Já terminaram as provas e são conhecidas as classificações, vamos já dar notícia do jogo de futebol entre os tropas e casados e os nossos Rapazes.

Ganhámos aos «velhinhos» por 3-1.

Isto mostra que não estamos tão mal como consta, apesar de termos perdido, outro dia, um desafio com a equipa «Escorpião/79».

Foi um jogo «ferrenho» e mesmo com o P.e Moura a jogar pelo lado dos «velhinhos», não conseguiram o que (ambos os lados) aspiravam: a vitória.

PARDAIS — Nesta época é costume os mais pequenos apanharem pardais pequenitos que caem dos ninhos ou que aparecem aí pelos cantos. As caixas de papelão têm logo utilidade. Servem de ninho às avezinhas.

Um dia destes o Manuel Abílio pediu-me uma, que tinha no armário. E cedi-lha. Quando vim a saber era para ninho de um pequeno pardal.

Cá em Casa é assim. Só espero que não aconteça o que aconteceu ao pardal que apelidámos de «herói», e que até foi notícia o ano transacto.

PISCINA — Que bons são os banhos na piscina! Depois de um dia de trabalho e com o calor que se tem feito sentir, é um regalo ver a malta contente e alegre banhando-se e afogando arrelías que sempre vêm à tona, no quotidiano.

Só que para a água se ir mantendo limpa é necessário o banho de chuveiro, antes da imersão na piscina.

AULAS — Terminaram, há dias, as aulas para os estudantes nocturnos e para os estudantes do nosso Lar do Porto. Agora, são os exames. Vamos a ver como é que nos desenrascamos esta época. Penso que, com cuidado, tudo correrá bem. Boa sorte!

Os mais pequenos, da Escola Primária e da Telescola, ainda estão em aulas, que durarão até ao fim de Junho.

Depois do esforço dispendido durante o ano lectivo, e de trabalho, as férias serão compensadoras, e repousantes, em nossa Casa de Azurara.

Entretanto, oxalá os exames terminem bem e a satisfação seja a mesma para todos quantos aspiram alcançar, ou dobrar, mais um degrau no ano seguinte.

Desejo a todos os estudantes (tam-

bém sou estudante nocturno) férias repousantes à beira-mar, na praia de Azurara.

«Marcelino»

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Pessoa amiga, inquieta pelos Outros, anuncia pelo telefone o corte de subsídios extraordinários que algumas (poucas) Caixas de Previdência vinham concedendo para alívio ou resolução de graves problemas de beneficiários e seus familiares.

Como, por natureza, o Seguro Social massifica, eliminar esta acção humanista — só para alívio de encargos — é decisão infeliz em todo o sentido. A ti Mica, que o diga...

Era delicioso ver a Assistente Social vir por aí fora, como Vicentina, em visita domiciliária, auscultar problemas, amenizar dores, confortar e, depois, nos respectivos serviços, com o inquérito na mão, pô-lo a despacho com vista aos necessários subsídios!

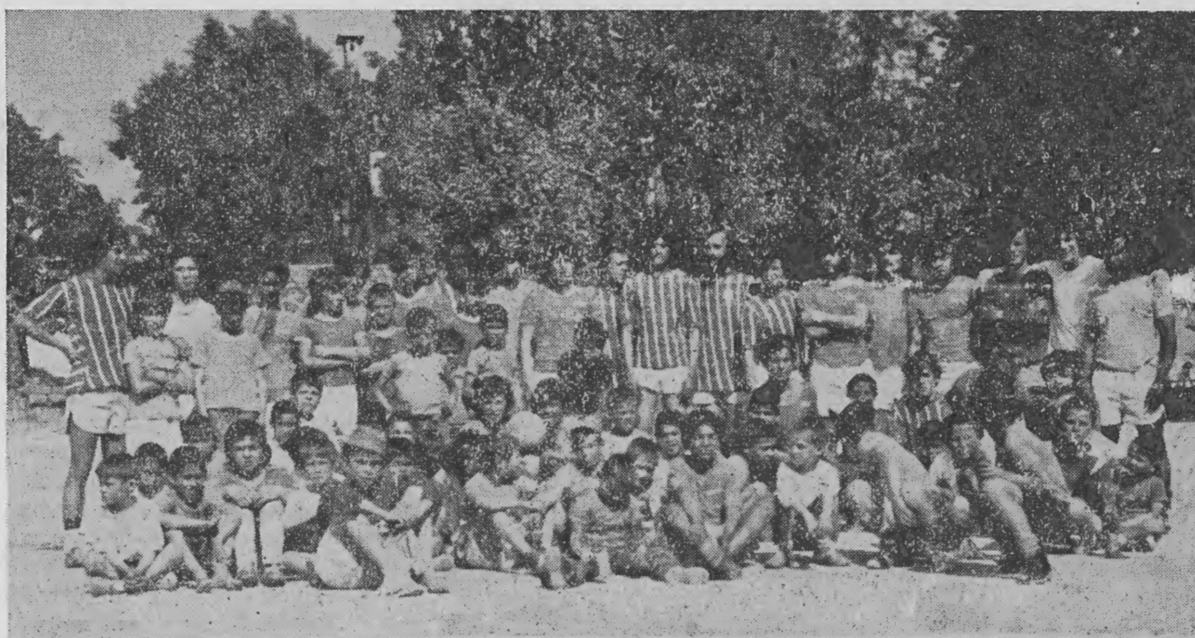
Acabou-se o único resíduo humanista da nossa Previdência?

Não haverá, nas cúpulas, homens lúcidos e capazes de fazer marcha atrás por mor da Justiça Social?

Assim, os trabalhadores e suas famílias não teriam de bater a outras portas. Bateriam à sua, fruto do seu salário, das suas contribuições mensais. Seria bem mais lógico e coerente (do ponto de vista oficial) do que andarem no círculo empatorrático da assistência pública...

PARTILHA — No Lar do Porto, sobrescrito com 500\$00. Amigos de D. António Barroso, a remessa habitual. Em vale do correio, 1.000\$00 «por alma de meus Pais: Helena e João». Metade de «uma nulidade». Que almas grandes! Olédo, remanescente de contas com O GAIATO e Editorial. Do Porto, outros 1.000\$ «por uma graça recebida: meu filho já ter emprego». Vão exactamente para um desempregado, aflito com a subsistência da sua prole. O desemprego é uma cruz dolorosíssima!... «Portuense qualquer» é presença muito assídua. Ei-la com 250\$00, «mingalhina relativa ao mês de Maio, acrescida de mais 50\$00 a lembrar a alma de minha Mãe». Assinante 1917 com 100\$00 e mais «110\$00 duma senhora amiga. Fiz-lhe um serviço qualquer, não levei nada — sublinha esta nossa Amiga — e quis pagar-me desta maneira, dando-me esse dinheiro para os Pobres». Mais 100\$00 de «velha Amiga», de Lisboa. Ainda da capital, o dobro, pela mão de «uma Empregada Doméstica, já cansada, mas enquanto estiver a trabalhar — friza na sua carta — mandarei sempre, se Deus quiser». E vamos fechar com 300\$00 do Porto, «mingalhina para o que entenderdes mais necessário — antes da minha ida para férias». Como elas serão cheias de paz!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.



O grupo de participantes no Festival desportivo, em Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Do que nós necessitamos

Ao iniciar esta e porque temos sido visitados por inúmeros grupos, escolares uns e simples visitantes outros, e ainda, talvez, por estarmos vivendo o Ano Internacional da Criança, somos acarinhados dum modo muito especial por essas mesmas crianças.

Mas, que dizer de todos os pequeninos visitantes? Um grupo me tocou fundo, como se apresentou na casa-mãe. Era de Massarelos. Foi um encontro amoroso o nosso! Cada pequerrucho, alegre e contente, fez a entrega da sua oferta: «para os vossos meninos» — diziam eles. Foi vestuário, calçado, doces e guloseimas, muitos brinquedos e quantias várias. E lá se foram, de olhar vivo e risonho, ficando eu a pensar em como as crianças são, de facto, o sol neste mundo de egoísmo e confusão.

E outros grupos escolares cá vão: excursão escolar de Mezio — Castro Daire, 1.180\$. Externato Camões, de Rio Tinto, com 1.726\$50. Escola n.º 7 da Póvoa de Varzim, 700\$. Mais 600\$ da Escola n.º 55 do Porto. 1.445\$ de Jazente — Amarante. 215\$ da Escola de Travanca, Oliveira de Azeimeis. Duma de Campanhã, 351\$50. De Maximinos — Braga, 1.100\$. Duma outra Escola, também de Braga, 1.000\$. Da Escola n.º 9, de Matosinhos, 2.500\$. Da Praia da Granja, 637\$. E 498\$10 e 60\$ e 100\$ e

220\$. Da Escola mista de Caramos — Felgueiras, 1.000\$. De Barcelos, 140\$. Também da Escola de Pocariça, um saco de rebuçados, roupas e brinquedos. E 1.590\$ da Escola de Pedrouços. E outras decerto cá vieram, mas não anotámos suas dádivas.

De «filha desgostosa», do Porto, pelo falecimento de seu pai, por quem pede orações, 2.000\$. Da R. Costa Cabral, 500\$. Dum Amigo, duas vezes 80\$. Mais «a promessa que a minha gratidão não esquece», com 150\$ mais 150\$. Sobre a venda de bilhetes, no Espelho da Moda, 122\$50. Por alma de Inácio Carvalho, 300\$00. De Clara e José Flores, 70\$. De Ermesinde, a mensalidade de 700\$ todos os meses. 500\$ para «tapar um furito». Por alma de Maria do Carmo, 100\$. Do Porto, 200 francos e 300\$, pedindo orações. E cá vai a nossa recoveira do Bairro da Pasteleira, com migalhinhinhas que somam 1.500\$.

Por intermédio de «Zé Ninguém», de duas irmãs cinfenses, 1.000\$. Por alma de José da Costa, 100\$. Igual quantia sufragando a alma de Margarida Barel. Da R. Alfes Malheiro, 150\$. Da Comissão do Nicho a Nossa Senhora, no mercado do Bolhão, 7.000\$. Para amêndoas, 200\$ de Olivais Sul. E 5 contos de uma Maria, por alma de seu marido.

1.000\$ de Maria Antónia. Mais 50\$ do Porto. Migalhinha de 20\$, de Ois da Ribeira. 850\$ de mãe e filhos. 1.000\$ do Campo Alegre. Pacote de roupas da Amadora. Do Porto, 500\$ da R. Eugénio de Castro. 200\$ de Gondomar. 6.000\$ de «alguém», da Junta de Freguesia de Santo Ildefonso. E vestuário, vários brinquedos e 1.700\$ da Escola de S. Félix da Marinha. 100\$ entregues pelo «Chinês», de andar a ciceronar. E mais 1.000\$ de Sertã. Por alma de António Pinto Lage, 280\$00.

De Valadares, e como de costume, o silêncio de sempre e 1.000\$. Mais roupas e calçado, de Aveiro. Os habituais 100\$ em selos de correio, da Amadora. 240\$ «pela saúde de meus familiares», do Porto. 100\$ pelos funcionários falecidos dos T. L. P. 170\$ por graças concedidas. 300\$ do 3.º ano da Escola do Magistério do Porto. 2.500\$ e vária doçaria,

que sobrou do lanche em nosso refeitório, da Conferência Feminina de Mafamude. 1.000\$ duma promessa a Pai Américo, vinda de Cête. 500\$ de Braga. Mais 5.000\$ de Lamego. Duma 1.ª reforma, 3.000\$ de Valongo. Dum Padre amigo, 500\$. Por intermédio da Livraria Cruz, 200\$ de «alguém» pedindo preces por uma cancerosa.

Da SAIPOL, 6 latas de concentrado de tomate, que muito jeito nos fazem. 5.000\$ de aumentos de ordenados das filhas da nossa saudosa assinante n.º 10737. Duma promessa a Padre Cruz, 500\$. Por intermédio do Pároco de Salvador do Monte — Amarante, duma sua paroquiana, cheque de 7.000\$. Vale de 509\$50 dos Funcionários da Direcção-Geral da Marinha de Comércio. 500\$ de João Brogueira, L.da. Em sufrágio de Ana Conceição: 100\$ e 50\$. Amigos do Lugar de Gaia, no seu 3.º passeio-convívio e de passagem por esta Casa, 1.149\$. Mais 500\$ de algures. E 1.000\$ da Fábrica de Fiação e Tecidos da Ponte da Pedra. 1.000\$ de Ervedosa do Douro. 520\$ de Maria Helena, por alma dos seus entes queridos. A presença muito querida dos Avós de Sintra e

sua amizade. Mais 1.000\$ da Foz do Douro. Sómente 2.000\$ dentro dum envelope. Da Lecista da Figueira, 300\$ para amêndoas. Cheque de 1.000\$, de Lisboa.

Cheque de 25 contos, a dividir pelo Calvário e por esta Casa, vindos de Figueira de Castelo Rodrigo. Muitos e variados donativos entregues no Lar do Porto e no Espelho da Moda. Mais 4.200\$, de Lisboa, a dividir por todas as nossas Casas. E 2.230\$ do Pessoal da Cinca, sobras da cotização para gulodices da Páscoa, que vieram cá trazer. Em sufrágio de Etelvina Torres, 200\$. De anónimo da Freguesia de Joane — Famalicão, 1.000\$. E mais 50\$ por alma de Carmen Pereira. 200\$ de Espinho, em cumprimento duma promessa. Para Fiães, o aviso que sim. Tudo tem sido recebido. E vale de 500\$, de Braga, «lembrando a Cruz do gaiato de Malanje».

E um vale de 2.375\$50 dos Funcionários e Professores das Escolas Preparatória e Secundária de Proença-a-Nova e muita amizade.

E um muito obrigado para todos.

Manuel Pinto

PEDITÓRIOS

AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

TO. As solicitações havidas não puderam ser todas satisfeitas. Estamos em época de exames e há muito que fazer cá em Casa e, entretanto, começam os turnos da praia, em S. Julião da Ericeira.

Queremos referir-nos, embora de maneira breve, ao espectáculo realizado no Linho que alberga 412 pessoas. O delírio, as palmas, os vivas e tudo aquilo que possa ser imaginado. Foram momentos de grande vivência, cujos frutos, assim o esperamos, não terão deixado de constituir uma lição para os nossos Rapazes e para aqueles que ali expiam as suas culpas e não só. Quando vamos a qualquer lado procuramos dar do que temos e receber,

também, numa visão fraterna de solidariedade e de intercâmbio. Talvez, porém, como em nenhum lado, os nossos Rapazes tenham recebido mais e haja tanto a aproveitar do frente-a-frente estabelecido entre jovens colocados em posições tão antagónicas.

■ Queremos terminar com um pedido de «basta». O nosso pequenino Luís Miguel, de 4 anos, compenetrado «maestro» da «Orquestra do Maestro Pinguim», tem recebido tantos mimos que é preciso dizer: não lhe mandem mais roupas e brinquedos. Nem que parasse na idade e no tamanho dois ou três anos, já estaria servido!

Padre Luiz

Terminou ontem em Colmbros a jornada deste ano. Foi uma longa volta, em algumas igrejas do Porto e sobretudo nas paróquias limítrofes, tendo visitado todas as de Vila Nova de Gaia. Uma experiência enriquecedora para mim e para os Rapazes que me acompanhavam, este convívio com as diversas famílias paroquiais na sua vivência do Dia do Senhor. O acolhimento carinhoso foi uma constante em todas elas. Mais importante e duradouro do que o óbulo que se traz, é o avivar da chama de uma amizade que, por graça de Deus, a Obra conta tão generalizada entre o Povo; e o esclarecimento desse afecto para que não fique apenas na esfera do sensível em função do bem que ela faz, mas se reflita no valor doutrinário que ela comporta e pode e deve ser estímulo à conversão nunca acabada que a cada um de nós compete.

Na verdade o princípio da confiança totalmente posta no Senhor, sobre quem Pai Américo alicerçou a Obra, a sua paixão profundamente sincera de querer o que Ele quer e a

sua convicção inabalável de que com Ele não há o impossível — são a explicação das suas asas, a justificação da sua fecundidade, a causa de uma felicidade que nem «o sabor do martírio» perturbou. Ora esta atitude e as suas consequências não são exclusivo de Pai Américo. Quem puser as mesmas causas, colherá efeitos semelhantes: voará nas alturas onde Deus se percebe mais facilmente; encontrará uma capacidade sobrehumana de realização, porque Deus fecunda os Seus instrumentos fiéis na difusão do Bem que quer; experimentará a alegria da Paz que só Deus tem para nos dar, a qual resiste a todas as subversões que as loucuras dos homens forjam.

A lição da mística de Pai Américo, encarnada em vida bem patente aos olhos que não recusam ver, é actualíssima. É preciso que aqueles que o conheceram a não esqueçam e que as gerações novas não recebam Pai Américo como um nome de um passado recente, mas o encontrem vivo na pujança da vida que comunicou

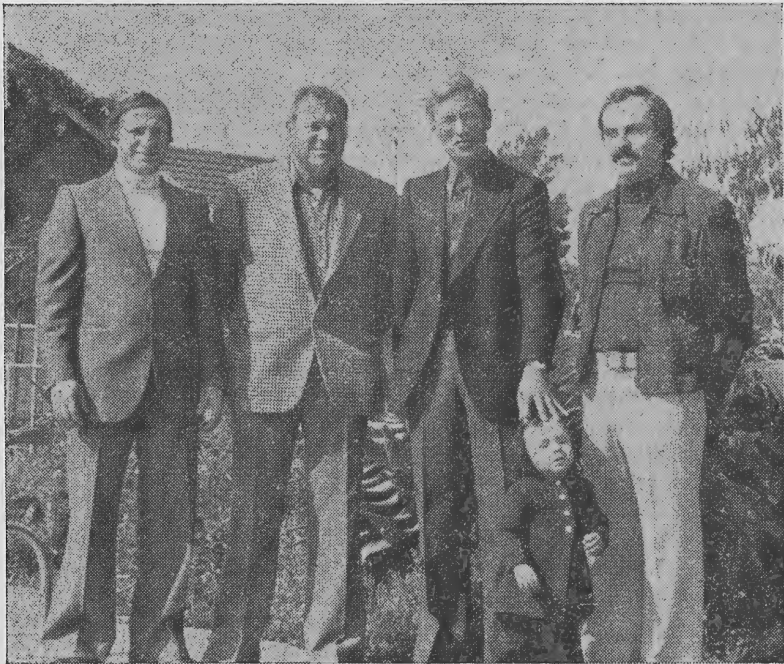
à sua Obra. Ora é esta vida que é necessário conservar e fazer crescer e este cuidado pertence a todos aqueles que compreenderam o valor da Obra, não apenas na sua tarefa assistencial, mas no seu conteúdo doutrinário. E este cuidado não se exprime apenas na sustentação material, mas na esfera de todos os valores espirituais, do cansaço e dos riscos de infidelidade.

Esta é a tónica da nossa prece nos peditórios. Que o Povo que nos acolhe e estima, compreenda o peso da missão que cai sobre os frágeis ombros dos responsáveis da Obra e os reforce com a sua solicitude fraterna, orando ao Senhor em Quem está posta toda a nossa confiança.

Nas famílias paroquiais por onde temos passado, onde predomina gente para quem a vida nem sempre é fácil (e para quem é?!), parece-nos que temos encontrado eco à responsabilidade que lhes propomos. Daí a alegria que arrecadamos ao longo desta jornada.

Padre Carlos

ÁFRICA



Um grupo dos nossos na África do Sul

Cont. da 1.ª pág.

gíngua suportam a doença ou a invalidez, o abandono ou o esquecimento. Compreendem. E certamente que alguns irão bater no peito e corrigir seu comportamento.

Mas no que mais reflito ao longo desta minha estadia é no quanto a Obra continua a ser Família!

Dizia-me a esposa do Manuel Dias:

— Sabe: eu tenho aqui a minha família toda. O Manuel não tem ninguém, nem aqui

nem lá. A família dele sois vós. É a Obra. Por isso, ele quis que viesse para dizer aos meus quem é a família dele.

E de palavras este casal passa a actos. Sinto-me na verdade em família. Ainda tento refilar, alegando que exageram. Qual quê! Quanto mais falo mais exageros verifico. Somos realmente Família. Nunca o tinha sentido tanto na minha vida de padre da Rua. Não há amigo do Manuel que não me seja apresentado. E ele tem deles em toda a cidade e arredores. É um verdadeiro prega-

dor da Obra em terras da África do Sul.

Com ele dou um salto a Durban. Aqui os saltos fazem-se de avião. São três dias saborosos, à beira-mar, na luxuante vegetação das costas do Índico. O Edgar não perdoava se não viesse. A família aguarda-nos em vivenda airosa, posta em tapete de relva macia. A alegria do encontro é visível. Toda a região das mais belas praias da África do Sul nos é mostrada. — «Tem que ver isto, que é lindo» — diz o Edgar. Aqui as águas tépidas banham homens de todas as cores com igual carinho. Lado a lado no mar. Lado a lado na beira deste, com canas de pesca na mão. Ele indianos, ele negros, ele brancos. É a verdade actual. Mas nas cidades, nos locais de trabalho, de estudo, de vida, de diversão, a mesma verdade. É um mundo novo de mútua aceitação. Aqui em Durban, em casa deste rapaz, já pai de família, respiro de novo a verdade da Obra, a verdade da Família que aquela é.

Regressado a Johannesburg, o Camilo anda comigo ao colo, para que fale aqui e além.

— «É preciso dar a conhecer a esta gente a nossa Obra.» Há vinte e sete anos que a deixou, mas é ainda «a nossa Obra». E sê-lo-á sempre, por certo.

Outros rapazes querem que conheça suas casas. O Adão, o Teixeira, o Rosas ficam felizes por me sentirem mais perto deles, do seu viver.

Somos de facto Família. Só para o confirmar vale a pena ir tão longe.

Padre Baptista

Novos Assinantes de O GAIATO

Porto:

«Bons e fiéis amigos: as minhas saudações.

A vida é feita de muito sofrimento, mas também de lapsos de alegria que, quando bem aproveitados, compensam amplamente aquele.

Recentemente experimentei um desses lapsos que ainda não cessou no seu momento mais emocional. É que minha filha casou, precisamente quando completava 22 anos, e nela está muito do que a Igreja me deu, em grande parte através de O GAIATO. Por isso, entendi que a melhor forma de concretizar o meu reconhecimento seria oferecer-lhe uma assinatura do jornal.»

Pai Américo diria: e mais e mais. Entre os mais não poderíamos deixar de referenciar aquela «rapariga de 28 anos», para quem o jornal «tem tido muita influência na minha vida».

A procissão inclui presenças de Lisboa, Porto, Coimbra, Matosinhos, Covilhã, Oeiras, Esmeriz, Caminha, Lagoa do Dão, Paço de Arcos, Vila Marim, Águeda, Santo António dos Cavaleiros, Vila da Feira, Cascais, Tomar, Braga, Aveiro, Seia, S. Mamede de Infesta, Amarante, Chamusca, Verdelhão (Aveiro), Castelo Branco, Fânzeres, Sesimbra, Arranhó, Corroios, Guimarães, Póvoa de Varzim, Valongo, Portalegre, Murtosa, Rio Maior, Couço, Marinha Grande, Villa Nova de Gaia, Tavira, Bombarral, Alcobaca, Viseu, Moita (Anadia), Mirandela, Oliveira de Frades, Torres Vedras, Horta (Açores), Fátima, Vieira do Minho, Famalicão da Nazaré, Leiria, Vendas Novas, Vale de Santarém, Bitarães (Paredes), Eixo (Aveiro), Ermesinde, Fundão, Aradas (Aveiro), Maia e Moimenta da Beira; Germiston, Benoni e Rosettenville, da África do Sul.

Júlio Mendes

Continuam a chegar de todos os lados, de várias partes do mundo. É sangue novo que revigora.

Há presenças que manifestam, por suas mãos, d'alma e coração, o porquê da sua inscrição:

«Foi o primeiro jornal que recebi de vossa Casa. Achei fantástico. Veio dar-me mais responsabilidade como cristão.»

Outros, chegam até nós com procuração dos interessados:

«Pessoa amiga, que gostava de ler regularmente O GAIATO mas tem dificuldades de o adquirir, por viver em Vila Nova de Gaia, deseja ser assinante...»

Outros mais, tomam a liberdade de fomentar no seio da família, junto dos seus, a leitura de O GAIATO. E de que forma!

Linda-a-Velha:

«Como prenda de anos, quero oferecer uma assinatura do nosso jornal a minha neta, pelos seus 14 anos...»

Cá ficamos de mãos erguidas e coração alerta para corresponder ao que Deus nos inspira.

Nunca fui tão rica como depois que Deus quis que fosse pobre de tudo. Foi preciso renunciar ao meu património para que ninguém fosse prejudicado... É certo, Deus tornou-me rica quando me quis pobre.

Procuo dar Deus. Procuo que vejam Deus em mim através da minha vida, dando-me, sacrificando-me, compreendendo, aceitando, esquecendo e esquecendo-me. Deus pediu-me muito, mas tem-me dado muitíssimo mais. Só a alegria e riqueza de O conhecer e amar não têm preço porque vale tudo, tudo.

Não sei porque me alonguei. Fui falando... Desculpem os erros e faltas. Junto de Deus não esqueço a vossa grande Obra.»

Livro «O CALVÁRIO»

Esta coluna é para ser lida de joelhos.

Abramos os olhos da alma para uma carta de alguém, de algures, que pede anonimato «por razões de vária ordem». Aqui está:

«Pelo mesmo correio enviei modesta quantia para o livro «O CALVÁRIO».

Li o livro de jacto, reli e releio de vez em quando, sempre que posso.

Não é por orgulho que confesso ter sentido que não trabalho em vão, pelas renúncias, sacrifícios, doação que minuto a minuto preciso de viver junto das cancerosas que me estão confiadas.

Desde jovem que aprendi, por graça de Deus, a sentir os problemas dos Outros. Hoje trabalho aqui para sobreviver; antes era por espírito apostólico. Aqui também me preocupam estas almas. Temos de tudo: educadas, paupérrimas, asseadas, inteligentes, ricas, formadas, estúpidas; implicantess, desmazeladas — que desculpamos; mas também as temos por maldade, por recalcamen-

to, sentindo-se servidas, querem escravizar-nos, e ao pessoal. Temos gente compreensiva, mas também nos aparecem exigentes, impertinentes, julgando-se com direito a tudo.

Quantos doentes temos que lavar como se fossem bebés! Temos cegas, coxas, doentes mentais, medrosas de tudo, desobedientes em tudo.

A minha missão é ser mãe nesta grande e variada família. Não sei se o sou — procuro ver no doente o Cristo que amo e o doente em Cristo. O trabalho físico cansa, mas o trabalho moral é para mim mais importante. Criar nestas almas disponibilidade para a vontade do Senhor, dar-lhe alegria e esperança, mas prepará-las para o fim que em tantas está próximo. Despejá-las das coisas do mundo, torná-las barro moldável nas mãos de Deus.

Procuo, também, que o sofrimento delas e meu seja útil para glória de Deus, bem das nossas almas e paz do mundo.

Trabalho uma média de 16-18 horas... Não consigo ficar indiferente às necessidades físicas ou morais das doentes e

das empregadas, que tento se não materializem. Sinto os seus problemas de trabalho, família, puxo-as para Deus. É uma luta constante dar-lhes apoio físico e moral. Ser igreja viva entre todos. Rezamos o Terço diariamente em conjunto e sempre pedimos por tudo que temos obrigação; pedimos que todas saibamos ser reflexo de Cristo onde estivermos.

Aqui aparece desde católica esclarecida, à de tradição, protestantes, indiferentes e anti-religiosas. No entanto, através do Terço, Jesus e Sua Mãe permitiram a consolação de ver regressar algumas que andavam longe; e algumas partem para Deus em confiança.

Quando me reformarem, se estiver em condições de ser útil e os meus não precisarem de mim, atraí-me a vossa Obra. A resistência física começa a fraquejar, mas com Deus tudo se pode.

Se me quiser confiar alguns livros «O CALVÁRIO» para tentar espalhar aqui, mande uns 10 à experiência. Vou tentar mandar-lhe uma lista de possíveis assinantes de «O GAIATO».



Gaiato

Director: Padre Carlos

Chefe de Redacção: Júlio Mendes

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285

Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem: 39.000 exemplares